

MONTARGIL
ACÇÃO CULTURAL

Boletim em Linha

Nº 59



GRUPO DE PROMOÇÃO
SOCIO-CULTURAL DE MONTARGIL

MARÇO DE 2018



Passado está um mês (16/2) que em clima de festa foi inaugurado o CENTRO CULTURAL DE MONTARGIL, obra do Município que vem alargar os horizontes do desenvolvimento local. Muita gente, diversas entidades, entre as quais o senhor Presidente da

Câmara e respectivos Vereadores, o senhor Presidente da Junta e restante executivo e a senhora Directora Regional de Cultura do Alentejo.

A inauguração do Auditório foi também ocasião para prestar homenagem a um dos montargilenses mais ilustres, Professor Doutor Manuel Ferreira Patrício, que dá o seu nome ao novo auditório. No espectáculo de encerramento actuou o CORO DE CÂMARA DE MONTARGIL sendo ainda apresentado o concerto do Maestro Vitorino de Almeida e da jovem Nádia Sousa (subordinado ao tema Pequena História da Canção Francesa).

Com a inauguração do Centro, na Sala Polivalente foi inaugurada a exposição de pintura "Vous êtes ici" do artista MÉGOT, que viria a ser aumentada com os trabalhos realizados por alunos das escolas, durante o "Laboratório de Criatividade"

Também no âmbito do CENTRUM SETE SÓIS SETE LUAS, a que este Centro Cultural ficou ligado, no Refeitório da EBI teve lugar um “Laboratório de Gastronomia” orientado pelos chefes de cozinha italiana, da região de Toscana, Daniela Mattonai e Fábio Galardi de EAT VALDERA,

Para além do Auditório, com 150 lugares sentados, assinalámos a sala de recepção que funcionará também como “Posto de Turismo”, uma “Sala Polivalente” para diversas actividades, e uma “Sala Multiusos” constituído por uma área de leitura de publicações periódicas, um espaço multimédia e uma zona infantojuvenil, cujo objectivo é promover uma interação diária com toda a população.

Refira-se que para além das associações ali sedeadas— Grupo de Promoção/Nova Cultura/ e Escola de Música da Banda de Montargil—o Centro tem programação própria, inclusivamente o Cinema que regressou com sessões quinzenais ao sábado (15-17 e 21 horas)



A Humildade é o primeiro patamar para a sabedoria

MARÇO

Por terras de MONTARGIL 1920/30



"Março, marçagão, de manhã Inverno e de tarde verão". Ou ainda: "enxames de março apanha-os, nem que seja no regaço"

É o povo na sua eterna sabedoria.

Estamos em Março. Lava-se a terra para o *milho de sequeiro*, para no final do mês se semear com a grade. Cava-se a hortã e semeia-se feijão *temporão*, abóboras e melão.

Plantam-se couves, alfaces e cebolas. Semeiam-se as batatas e cava-se terra para o arroz. *Esgalham-se* sobreiros e azinheiras. Arroteiam-se carvalheiras. Arranca-se o mato.

Arrancar mato é trabalho para mulheres, já o explicamos atrás. Bem como para rapazes rondando os dez, onze e doze anos, que os homens se ocupavam em trabalhos que exigiam maiores esforços como era o *arrotear carvalheiras*. Afinal um trabalho comum que se destinava a limpar as propriedades numa luta contra o fogo.

Por vezes trabalhava-se de empreitada, que acabava por volta das duas da tarde. Dormia-se até à noite e era então tempo de bailar nos *quartéis* onde pernoitavam.

Se para o bailarico apareciam homens com *relejos* ou harmónios/concertinas, tudo bem. Se assim não fosse, iam cantando e bailando *saias*. Ou então as mulheres entretinham-se a fazer renda, como por exemplo *marcando* lenços de bolso para oferecer aos rapazes.

Eram noitadas que aconteciam: em que o bailarico era certo, duas ou três vezes por semana

A Páscoa



Embora nesses tempos (1920/1930) a religiosidade fosse maior entre as nossas gentes (pois para assistir a missa ou mesmo rezar o terço muitos eram os que vinham do campo) a quadra da Páscoa já tinha ultrapassado as fronteiras do religioso, pois a crenças e não crenças se ouvia logo de manhã (domingo) o desejo de uma *boa páscoa*. Como em todo o lado a Quaresma começava na Quarta-Feira de Cinzas o que não impedia que nesse mesmo dia se realizasse o *enterro do santo entrudo* (que viria a ser proibido de maneira brutal, aí por 1950), e terminava no *sábado de aleluia*, pelas dez horas, quando os sinos repicavam na torre da Igreja enquanto a garotada, batendo as matracas gritava: “*Aleluia, Aleluia, Cristo ressuscitou*”.

Mais tarde começaram a dizer: “*Aleluia, Aleluia, Bacalhau para a rua*”.

É que de uma maneira geral a população respeitava o jejum não comendo carne no dia de sexta-feira. Nos meios-dias santos (de quinta-feira ao meio-dia a sexta-feira à mesma hora) não se trabalhava, não se mexia em terra e, às quinze horas dessa mesma sexta-feira, em casa ou no trabalho, respeitava-se um minuto de silêncio.



Ainda durante a Quaresma e também mais ou menos até aos anos cinquenta, mais

concretamente na terceira quarta-feira, tinha lugar a *serração das velhas*.

Diga-se, entretanto, que a Páscoa tem lugar no 1º domingo depois da lua cheia que ocorra no dia ou depois do dia 21 de Março. É uma festa móvel que ocorre quarenta e sete dias depois da *quarta-feira de cinzas*.

A *semana santa*, durante a qual decorrem as cerimónias relativas às várias fases do processo que leva à crucificação, tem início no domingo anterior (Domingo de Ramos), que simboliza a entrada de Jesus em Jerusalém e durante o qual são benzidos os ramos de palmeira.

Páscoa é tempo de festa que, se no aspeto religioso difere de terra para terra, o mesmo acontece no campo do lúdico, mas com a simbologia a não ter fronteiras. O ovo (símbolo do nascimento), o *folar*, as amêndoas, o pão e o vinho (que representam a última ceia do Senhor), o *círio* (a grande vela que se acende na *aleluia*) são, entre outros, símbolos que marcam esta quadra.

Curiosamente, e sem que saibamos por quê, em Montargil não são ramos de palmeira que se benzem mas sim de alecrim e de oliveira que são depois colocados em cruces de cana, nas hortas e nas searas. Havia até quem colocasse duas cruces, uma voltada para a outra.

Entretanto e décadas atrás (1920/1930) era por aqui tradição que ao domingo de Páscoa os pastores viessem dos campos à vila para comprar as amêndoas. É certo que o dinheiro era pouco, mas as amêndoas (de massa de centeio) eram baratas e vendiam-se ao preço de *dois tostões a meia-quarta*. Aliás, houve tempo em que nesta quadra se andava pela rua rifando pacotes de amêndoas (era o *Caçurras*), embora este não saísse da porta da taberna, era o *Rabanita* e era o *Perneta* e se calhar outros que agora se não recorda. A cada jogador e por um tostão eram dadas três cartas de um baralho de que se retiravam as figuras ganhando aquele que tivesse a carta com mais pintas.

Outro costume que também desapareceu, era o do *enganchar*. Rapariga com rapaz ou rapariga com rapariga, engançando dedo mindinho com dedo mindinho diziam "*enganchar, enganchar, para, na quaresma, fazer rezar*", e quem no domingo de Páscoa se deixasse enganar, isto é, se deixasse fazer rezar primeiro, apontava-se e dizia-se *reza* e lá tinha que dar o *folar* que, normalmente, era um pacote de amêndoas. Mais tarde e ao enganchar já se dizia: "*enganchar, enganchar, para na Páscoa fazer rezar*".

Os que *enganchavam* ficavam compadres (*compadres da Páscoa*), e o *folar* constava sempre de amêndoas, mas no caso das raparigas estas ofereciam sempre mais qualquer coisa como por exemplo uma gravata, um lenço ou um colarinho que nesse tempo era desligado da camisa. Claro que havia sempre retribuição daquele que fazia rezar.

Nalguns pontos do país também é dado o nome de *folar* a um bolo que se faz por esta altura (e não só, creio) mas foi hábito que por aqui não se enraizou. No entanto, aí pelos anos 1945/50, o *Mestre Alfredo*, um verdadeiro artista na arte de padeiro, fazia um *folar* da massa das arrufadas, que como se sabe é um bolo pouco doce. De formato circular, levava ao centro um ovo e cruzando sobre o mesmo duas asas como as das cestas e naturalmente da mesma massa. Era então cozido no forno a lenha o que como se sabe lhe dava outro sabor.

Quanto à gastronomia, a ementa era canja de galinha ou de peru (este, em casas mais endinheiradas), e as ditas aves assadas no forno a lenha. À *quinta* e/ou à *sexta-feira santa* (dias em que não se comia carne) consumia-se o tradicional *arroz com castanhas*. No que respeita a doces, as afamadas *tigeladas*, e os doces de amêndoa (os queijinhos e as tortas).

Mas também nos falaram no chibo e no borrego assados (mas em fornos a lenha) havendo ainda quem nos fale, para o almoço, da sopa de pé de porco.

Durante muitos anos, a Procissão dos Passos (que merecia uma enorme adesão), realizava-se no Domingo de Ramos para não coincidir com a que aqui ao lado se realizava em *Cabeção*. Durante a mesma que percorria a Rua do Comércio e a Rua da Misericórdia, estava assinalada a via-sacra sendo cada uma das catorze "estações" marcada por um altar, que determinava uma paragem do cortejo, sendo então entoado um cântico alusivo ao acontecimento, com acompanhamento de algum instrumental (contrabaixo (Chico Lourenço), trompete (José Arlindo) e clarinete (*Fouchinha*)) enquanto o maestro Alves do Carmo emprestava a voz.

O sermão do encontro tinha lugar ou frente à Travessa dos Combatentes com o orador na varanda do *Pailó* (já numa segunda fase) ou então frente ao Moura; com o orador posicionado na varanda da casa deste. Era um momento emotivo, que sensibilizava mesmo os não crentes.

O *baile da pinha* realizava-se no domingo anterior à Páscoa. E na segunda-feira (de Páscoa) embora fosse dia de trabalho, era costume ir-se em grupo fazer piqueniques no campo, pelo que muitos nesse dia tomavam uma *empreitada* para poderem ir para a festa.

No Domingo de Páscoa era altura em se realizavam muitos batizados mas, em tempos mais remotos, era o Domingo de Pascoela a data escolhida, chegando a ser quarenta e cinco no mesmo dia

Registo de Memórias

TI JOANA



Em jeito de homenagem pelo muito que nos ensinou, registe-se para memória futura a "pessoa" da Ti Joana, essa mesmo, a Ti Joana dos "pirolitos de chupar" e dos "bolos de cinco tostões". E a propósito dos bolos de cinco tostões, foi ela, que no "mercado da praça" --já lá vão umas sete décadas-- os começou a vender.

Contam-me que encontrou a receita numa folha muito antiga, o nome não o sabia, e aproveitando parte da mesma criou um novo bolo e como os vendia a cinco tostões, este passou a ser o seu nome. Mais tarde passaram a ser também conhecidos por "albertos", mas com todo o tradicionalismo e ruralismo que marcou

a "nossa gente" foi este o nome que "pegou".

Mas a Ti Joana --Joana Maria Moreira-- não foi uma "mulher do campo". Aos 14 começa a servir, primeiro como criada de fora (criada dos quartos), depois passa para a cozinha, e cozinheira se manteve durante toda a vida. E dos nossos arquivos recolhemos material para uma curta conversa...com a "cozinheira"

Por exemplo, quais eram as comidas num casamento?

- Canja de galinha, ensopado de borrego e de chibo. Chibo assado, frango corado, arroz corado.

E nos baptizados, como era?

Era igual à dos casamentos. A não ser que dessem só um lanche, em que davam só bolos e bebidas.

E continuamos a falar com a Ti Joana cozinheira.

Mas passamos à Páscoa.

Era a mesma comida do Carnaval, diz-nos, e doutros dias de festa. Havia então os doces, em especial a tigelada, sempre assim foi. Enquanto no Natal eram os fritos, os pastéis e as filhoses.

- **Mas durante a semana, não era essa a comida do dia a dia (ensopado, etc.)**

- Pois não, havia outras comidas: sopas de carne, feijão com couve, muitas outras.

Era uma população religiosa. Por isso, chegada que era a Quaresma.

- A grande maioria era religiosa, e durante a Quaresma, acontecia que para não terem na comida nem uma pinga de gordura, queimavam (o interior) as panelas de barro. E só a partir das 10 horas de Sábado de Aleluia é que voltavam a comer carne.

Segundo a senhora Antónia "Panelas" (Antónia Maria Alves), cozinheira e boleeira há cinquenta anos, a mais antiga receita do "bolo de cinco tostões" é a seguinte:

400grs. de farinha de trigo

500grs. de açúcar amarelo

3 ovos inteiros

1 colher (de sopa) de canela

125 grs de banha

Partem-se os ovos e juntam-se-lhe os restantes produtos, mexe-se e bate-se bem; de seguida mexe-se e bate-se bem, e com a respectiva massa fazem-se os bolos que, para ir ao forno se colocam em tabuleiros bem untados

DICIONÁRIO RURAL

"Arrojar as terras"

"Gradar".As terras estavam lavradas e passava-se por elas com a "grade"

Mudar de casa para casa

Mudar de patrão para patrão, ficando a viver em casa e terrenos do mesmo.

Fazia-se normalmente pelo S.Miguel (Samiguel, como se dizia) ou seja a 29 de Setembro. Havia no entanto quem o fizesse a 1 de Outubro.

O sexo das profissões

Por Francisco Belard 22 de junho de 2007



Colaboração Tiberdívidas

*Será discriminatório dizer **a presidente**, passando a ser obrigatório **a presidenta**? Há quem adore os debates «de género». Eu acho alguma graça, mas recomendo calma.*

Como se diria em termos queirosianos, «ele há muitas questões». Aquelas sobre as quais ninguém nos pediu opinião costumam ser aliciantes. «A questão do género feminino de palavras denominadoras de cargos políticos» (*Público*, 1-11-2005) é o género de «questões» a que dificilmente resisto. Publicou esse diário, sob o título «Formação do feminino de cargos políticos lança controvérsia linguística» (o texto principal é assinado por Joana Carreira Seabra), uma página dedicada ao problema. Ou antes, ao que não julgava ser um problema, mas que, dados os casos e os nomes invocados, passa a ser. Ah, que saudades eu tinha de uma controvérsia linguística! As desencontradas opiniões que ali se reflectem são das que dão a tentação de deixar tudo como está, em vez de chamar **presidenta** ao presidente do sexo feminino ou **comandanta** à mulher que comanda. Mas os exemplos e os argumentos fluem e contrapõem-se, e um homem, ou uma mulher, é incitado/a ao debate. Quando leio que, se foi aceite **ministra** como feminino de ministro (e nunca tive a menor objecção a isso), temos de procurar o feminino de todos os outros cargos, começo a ficar apreensivo.

Estas discussões terminológicas, relacionadas com o novo quadro de identidades socioprofissionais e os estudos de sociologia do género, têm na base a presunção (fundada, em muitos casos) de que o acesso das mulheres a profissões, ofícios e cargos tradicionalmente reservados aos homens impõe que, ao serem abertos às mulheres, devem adoptar formas univocamente femininas ou masculinas, ou sem conotação sexista. O princípio do *gender mainstreaming*, que consta de documentos oficiais da ONU e da UE, pretende a harmonização da terminologia com o princípio da igualdade entre os sexos em assuntos de emprego, contrariando a discriminação de funções e papéis sociais assente na diferença sexual ou de «género». Isto não me parece polémico. Se, ao chamar o canalizador (que em Portugal, como se sabe, dificilmente

aparece), aparecer uma canalizadora, não há sequer um grande esforço terminológico (como não há para **professor/professora**). Se ao chamar um táxi vir que é guiado por uma senhora, também não. Mas neste caso, em que **o taxista** e **a taxista** (ou **o motorista** e **a motorista**) não requerem mais do que a mudança no artigo, o mesmo acontecendo com **electricista, pianista, jornalista, dentista, telefonista**, etc., lá se vai a controvérsia. Onde é que ela então surge? Surge quando se pensa que uma palavra, lá por ser tradicionalmente referida a homens, deixa por isso de aplicar-se a mulheres. Por exemplo, presidente serve para ambos os sexos, ou géneros. Não tem sentido restringi-la a homens, inventando **presidenta**. Seria o mesmo que dizer «o João, residente em Lisboa, e a Joana, residenta no Porto». Ou seja, uma tolice.

Permito-me, como viram, alargar o debate proposto no *Público* a cargos, funções ou ofícios não exclusivamente políticos. A política não impõe uma problemática terminológica própria; pelo menos neste campo não dita regras à linguística. Alguns pruridos vêm de se supor que o facto de uma palavra acabar em **o** ou **a** lhe determina o género. Ora isso é apenas uma tendência (ou frequência) em certos tipos de substantivos e adjetivos de algumas línguas latinas: **operária/operário, advogada/advogado, médica/médico**. Mas basta uma lista como a dos ofícios acabados em **ista** para desfazer a ilusão. **Monarca, autarca, poeta, profeta, estafeta** não remetem para o género feminino (nem para o masculino). Acontece apenas que para alguns termos se criou um feminino (**papisa, poetisa, sacerdotisa**), de que se gosta ou não. É aliás curioso observar que a rejeição do termo de conotação masculina (como o **juiz** e a **juíza**, enquanto em espanhol se diz *la juez*, mudando apenas o artigo, ou o **ministro** e a **ministra**) coexiste com o fenómeno inverso de a **poetisa** preferir ser a **poeta**, renunciando aqui à especificidade de género. O mesmo se poderá vir a passar com a **maestrina**, quando entender o termo como depreciativo e quiser ser a **maestra**, ou até a **maestro**. Assim, os homens que tiverem profissões cuja designação acaba em **a** não devem pensar que têm ofícios efeminados, devendo passar a ser **electricistas** ou **jornalistas**. De um modo geral, este debate deve ater-se à natureza das palavras (que passa pela etimologia e pelo significado) e não à sua terminação.

Na linha da ainda virtual palavra **presidenta** existem, todavia, outras que não parece necessário adoptar. É o caso de **governante**, que serve para os dois géneros, embora popularmente se possa ouvir **a governanta** ou **a chefe**. Seria como dizer **o amante** e **a amanta**, ou **o príncipe reinante** e **a princesa reinanta**; puro disparate. Também não julgo adequado (refiro-me à terminologia oficial e não à linguagem popular) dizer **general**, **major** ou **oficial**. Oficial e militar não são masculinos nem femininos; são invariáveis em género, podendo-se dizer «esta militar da Força Aérea», ou «a oficial de diligências». Entrou no hábito «a madre superiora», quando o **a** final é dispensável ou tão errado como em **inferiora**.

Caso mais difícil, por ter entrado nos costumes, é o do **embaixador** e da **embaixatriz**. Não há dúvida de que são formas masculina e feminina de um nome. Aqui, porém, a especialização (ou discriminação) social deixou marcas. Como a missão de embaixador era reservada a homens, passou a chamar-se, social e protocolarmente, **embaixatriz** à mulher do embaixador. Hoje isso não se justifica, pois uma mulher pode ser **embaixatriz** (titular, entenda-se, e não cônjuge) e nem por isso vão chamar **embaixador** ao marido. Os «espertos» acharam, porém, que se devia inventar **embaixadora** para um **embaixador** de sexo feminino. Não lhes ocorreu a analogia com **imperador** e **imperatriz**; esta pode ser a «consorte» do imperador ou a titular do cargo. É uma improbabilidade estatística, mas não uma impossibilidade linguística. Sempre se disse «a Rainha Vitória, Imperatriz da Índia» (ou das Índias) e não «imperadora da Índia». Agora é difícil corrigir aquele erro, mas conviria pensar

nisso, pois a carreira diplomática vai-se abrindo às senhoras, e um dia, quem sabe, mesmo o monarca japonês poderá ser uma mulher.

Fonte

in *Expresso*, 12 de Novembro de 2005

Novas Terras

Novas Gentes



AVIS---Foi esta histórica vila que mais uma vez recebeu o Grupo de Danças de Salão de **Montargil**.

Não estive lá, mas esta manhã ao ligar o computador encontrei esta mensagem: *Olá a todos. Parabéns por mais uma boa actuação, pelo esforço de todos, dançarinos e acompanhantes (professora Sónia Silva*





No próximo BOLETIM apresentaremos reportagens referentes à XXVI Festa do Folclore(17/3) e ao Espectáculo de Dança-Mundo Encantado da Disney(25/3)

GRUPO PROMOÇÃO DE MONTARGIL
Apartado 2
7425-999 MONTARGIL



Coordenação: *Lino Mendes*

Colaboração: *António Mendes*

242904182/939284470

lino_mendes@portugalmail.pt